



Belo Monte - fatores econômicos

A hidrelétrica de Belo Monte, orçada pela Eletronorte em R\$ 10,8 bilhões, prevê uma transposição do Xingu na chamada Volta Grande, um pouco abaixo da cidade de Altamira – um trecho onde o curso do rio forma como que um meio laço -, desviando as águas para a parte central e aproveitando o declive geográfico para acionar as turbinas. Segundo o estudo da Conservation Strategy Fund, o montante não inclui os gastos com linhas de transmissão e a construção do porto fluvial e das eclusas.

Também estariam fora deste orçamento os custos “indiretos” para a região, como os gerados pela perda nas atividades pesqueira, agropecuária e de turismo, perda da ictiofauna (peixes) migratória, perda da qualidade da água e de seu aproveitamento para abastecimento da população local, indenizações, etc.

Apesar de ser uma das maiores apostas do governo para atender um potencial aumento da demanda de energia no país por conta da capacidade de geração do 11,1 mil MW, Belo Monte pode não responder inteiramente às expectativas. Um dos fatores naturais que diminuiriam a eficiência energética da usina é a drástica diminuição do volume de água do rio durante o verão – estação que ocorre na Amazônia entre os meses de setembro e dezembro. Segundo especialistas, o aproveitamento pleno da capacidade de geração instalada de 11,1 mil MW poderia ocorrer por apenas três meses.

Por conta da variação da vazão do Xingu, cálculos dos próprios empreendedores apontam para uma utilização média de apenas 40% da capacidade instalada da hidrelétrica. Simulações realizadas por um sistema desenvolvido pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o HydroSim, no entanto, resultaram em uma taxa de utilização inferior a 20%. Para uma avaliação mais realista, foi realizada uma análise de risco que permite variar os parâmetros de entrada simultaneamente a partir de situações previamente definidas. Assim, no conjunto de simulações, agrupou-se os perigos de excesso de custo, atraso nas obras e geração abaixo do projetado, além de simular valores de energia acima e abaixo do valor médio. Ao juntar todos estes riscos, o projeto tem chances mínimas de viabilidade econômica. A probabilidade de viabilidade do empreendimento nesta situação seria de apenas 2,28%.

Os estudos independentes feitos por especialistas que questionam a viabilidade econômica do projeto atual de Belo Monte, que não tem reservatório e não tem outras barragens rio acima para segurar a água, apontam para outro dado relevante: embora Belo Monte seja inviável sozinha, ela passaria a ser interessante com a construção de pelo menos uma usina rio acima: a UHE Altamira (antiga Babaquara). Nessa hipótese, um reservatório 15 vezes maior que o de Belo Monte (6.500 km²) seria construído, criando o terceiro maior lago artificial do mundo. Essa represa, sozinha, inundaria diretamente pelo menos seis terras indígenas, desalojaria vários milhares de famílias, afogaria centenas de milhares de hectares de florestas e geraria uma grande quantidade de gases de efeito estufa. Apesar dos impactos sociais e ambientais, do ponto de vista financeiro a construção da UHE Altamira seria altamente interessante, pois não só produziria sua própria energia como também aumentaria significativamente a energia gerada por Belo Monte, ao guardar água para ser utilizada na época seca.

Portanto, mesmo havendo um estudo de inventário indicando a construção de uma única barragem no rio Xingu (Belo Monte), estudos técnicos e econômicos apontam que seria necessária a construção de pelo menos mais uma barragem rio acima (Altamira) para que a obra seja viável do ponto de vista financeiro. O receio, portanto, é que a construção de Belo Monte crie uma "crise planejada": constrói-se a usina, investindo bilhões de reais, para depois "dar-se conta" de que ela gera muito menos energia do que o prometido; surge então a necessidade de "salvar" o investimento já feito e construir pelo menos mais uma usina rio acima (Altamira), inundando uma área gigantesca e trazendo enormes custos socioambientais. Dessa forma, o planejamento inicial de barrar todo o rio Xingu seria colocado em prática aos poucos, e ele, dentro de menos de vinte anos, se tornaria uma grande seqüência de lagos, sem peixes, sem florestas, sem pessoas, sem vida.